

## DOS LIVROS PARA CRIANÇAS E JOVENS \*

---

MARIA DE LOURDES DIONÍSIO DE SOUSA

Para os homens de letras sérios (e de letras sérias) falar sobre livros de que os adultos não são os receptores primeiros pode parecer uma actividade absurda. O que poderá dizer-se de uma produção a que geralmente se atribui um estatuto de menoridade? No entanto, todos nós, quer enquanto pais quer enquanto professores e educadores, fomos já confrontados com a questão “que livros?”. Dado o actual panorama editorial com múltiplas colecções que apenas muito dificilmente conseguimos acompanhar – tal é o ritmo de saída de títulos – a par, incongruentemente, da afirmação generalizada de que cada vez se lê menos e se gosta menos de ler, urge sem dúvida uma reflexão em prol do desenvolvimento do gosto de ler, reflexão que não esquecendo as características do público a que se destinam certos livros, deve combinar o interesse pela literatura com conhecimento especializado de psicologia, educação e crítica literária, de modo a servir de auxiliar a pais e educadores em geral.

O livro que agora nos reúne assume esta última função, mas também e, afirma-se nele, uma outra não menos importante porque, se calhar, condição para o sucesso daquela: estimular a curiosidade do leitor adulto.

---

\* Este texto reproduz, com pequenas alterações, o texto lido em 31 de Janeiro de 1992, aquando da apresentação, na Biblioteca Pública de Braga, de José António Gomes a propósito do seu livro “*Literatura para crianças e jovens. Alguns Percursos*”, Lisboa: Caminho, 1991.

Se pode parecer absurdo conversar sobre os livros para menores (livros menores??), lê-los pode, a nós de estatuto maior, parecer ridículo, tarefa demasiado fútil e infantilizada. Nada mais enganoso, sobretudo no que respeita aos professores. Se a pergunta “que livros?” é sentida e tem como objectivo levar estes livros para a escola, isto é, para as aulas de Português, Bibliotecas escolares, de turma, clubes de leitura, etc., o conselho que procuramos tem necessariamente de ser acompanhado pela fruição do livro aconselhado.

Para além desta perspectiva pedagógica, há ainda outros factores a favor da leitura, pelos adultos, de literatura juvenil. E não só por ser uma actividade refrescante - que é, sem dúvida -, mas porque é um modo de aceder a um mundo novo que tantos de nós desconhecem ou conhecem em cristalização do seu tempo.

Tal como nos diz José António Gomes em *Literatura para crianças e jovens. Alguns Percursos*, e a propósito da obra os “Olhos de Ana Marta” de Alice Vieira, lê-lo será descobrir “o mundo juvenil, as suas interrogações e os seus mitos”(p.103), uma vez que “a sua única preocupação é a de nos atrair para um território sem fronteiras nem idade: o puro domínio do humano, onde, a um cantinho, ferve o denso e incomensurável país da infância e da adolescência”(p.100). E não é por isto que também lemos Literatura? para conhecermos a essência humana em geral?

A perspectiva formativa que nos interessa particularmente, cimentar-se-á, assim, no conhecimento não apenas dos títulos e da qualidade atribuída à obra por outrem, mas na vivência sem a qual o entusiasmo pela leitura não se consegue transmitir. Pensemos na qualidade do diálogo que deste modo somos capazes de travar com os jovens sobre as suas obras – vulgarmente, obrigamo-los a falar das NOSSAS obras – pensemos também como esse diálogo, possível pelo nosso conhecimento de facto e em função da nossa capacidade de ter lido no mesmo texto outro texto, permitirá orientar os jovens na descoberta de aspectos outros (de âmbito estético, por exemplo) que lhes escaparam no primeiro contacto.

Sem este conhecimento e vivência das obras que actualmente são dadas à estampa explicitamente para as crianças e jovens, a tendência é necessariamente e compreensivelmente a de escolher as que pensamos melhores, e o mesmo é dizer, aquelas que ajudam na formação do indivíduo, sem efeitos secundários causa de malformações. Também por isto escolhemos o iogurte mais nutritivo, a roupa mais confortável. E, nessa tarefa de dar o melhor às nossas crianças, sejam filhos ou alunos, quais então os livros que reúnem estas características? ... Aqueles que nós lemos na mesma idade. Nós somos a prova do sucesso desses livros. Contudo, todos sabemos como esses nem sempre são os que se recebem melhor ou como às vezes são liminarmente rejeitados.

Não é aqui o lugar para dissertar sobre o declínio ou o desinteresse por essa literatura; basta olharmos à nossa volta e vermos como são muito mais sábias de mundo as crianças de agora, como a sua cidadezinha já não o é e

como, por isso, já não lhes aparece, por exemplo, como ficção científica o que nós lemos como tal. Tais obras, como se pode ler no livro de José António Gomes "foram ultrapassadas pela rapidez do progresso tecnológico, o qual originou uma aproximação entre ficção e realidade" (p.106), (no mesmo sentido, deveríamos reflectir se essa produção literária era pensada para crianças ou se para crianças que se queriam adultos, sobre as razões que levaram a arrumar certas obras na prateleira juvenil ou qual o universo social das crianças que os liam).

Não aceitar este afastamento ou esperar que o livro que o jovem prefere tem, na mesma medida, de nos interessar porque, de contrário, não será adequado, pode ser um risco, sobretudo quando defendemos que o primeiríssimo objectivo da acção educativa neste domínio é "ler mais livros". Ao mesmo tempo, esperar que qualquer livro, desde que agrade ao adulto, tem de provocar junto do público juvenil o mesmo tipo de interesse, é conceber o processo de escrita como actividade monológica em que o autor está desligado de qualquer compromisso com o seu potencial e ideal receptor.

Poder-se-á mesmo falar de um risco a dois níveis: o da produção e da recepção. Ao nível da produção porque, e se tivermos em conta que o "contrato" de um autor com um adulto/leitor competente tem de ser necessariamente diferente do compromisso com os jovens, pode levar autores a transfigurar o seu interlocutor primeiro; ao nível da recepção, aquela ambiguidade assim gerada e materializada em vários níveis de estruturação do texto, desde o linguístico ao ideológico, pode constituir-se como potencial fonte de ruído, logo incompreensão e, em consequência, levar à recusa da obra, depois, por generalização, à recusa da leitura.

Não temos ainda estudos (específicos da nossa realidade) relativos àquilo que é para as crianças e sobretudo para os jovens um livro que se lê com prazer. Sabemos por intuição de educadores que a vertente humorística (e isto não é sinónimo de menos inteligência) é a que atrai mais para a leitura. Ora, se esse registo não fôr utilizado de forma que o jovem o possa captar de imediato e sentir prazer com a sua compreensão, não surtirá eficaz, embora esteja lá aos olhos de um adulto. Desta desvalorização do leitor são também exemplo as histórias sobrecarregadas de alusões culturais que mais não fazem que exigir aos mais jovens competências sem as quais não é possível falar em fruição total do texto. Em defesa da mesma perspectiva, afirma José António Gomes sobre "O país azul" de Teresa Balté: "é um texto que, pela sua específica codificação, pelo excessivo "pisar de olhos" ao leitor adulto e pela razoável competência referencial e cultural que exige ao jovem leitor, obriga a orientá-lo para uma faixa juvenil ainda que o seu universo ficcional (o dos contos de encantamento) esteja aparentemente mais próximo do imaginário infantil" (p.11).

E mesmo assim, quantos jovens captarão o humor e irreverência da passagem que nos oferece em exemplo:

*"Quando, a meio da manhã, o rei subiu aos jardins suspensos, para tomar*

*o pequeno almoço em família, a operação estava terminada. Desde a libré do ascensorista ao pêlo do gato, desde a torre de azulejos ao relvado de plástico, desde o serviço de porcelana ao sumo de laranja, à geleia de marmelo e ao café com leite – tudo fora talhado, tinto, revestido, alcatifado, escolhido e corado artificialmente de acordo com a cor vigente.*

*“A partir daí o azul alastrou ao país.*

*“Primeiro espalhou-se pela capital. Era como uma moda: os blue jeans esgotavam-se nas boutiques; O Anjo Azul batia os recordes das bilheteiras, nas discotecas dançava-se ao ritmo da Rapsódia em Blue...”*

Assim, tanto face a textos com potenciais factores de ruído como face aos textos que têm constituído o cânone escolar, e dada a tal afirmação de que os jovens não gostam de ler, mais uma vez se nos coloca o dilema relativo ao que será melhor a fim de levar os jovens a frequentar os livros: aceitar a leitura desenfreada e não discriminada do que vai sendo editado ou sancionar apenas a produção que reputamos de qualidade literária? Neste momento quantos de nós não se inclinam perigosamente para a primeira solução.

O que queremos afirmar é a necessidade de se ler muito e, em consequência, a necessidade de respeitar as primeiras tendências dos jovens. Sem este “gostar” de ler (tudo), dificilmente o jovem se transformará num leitor selectivo e competente, dificilmente se alcançará um outro objectivo “ler mais livros melhor”.

Estes dois objectivos não são nem contraditórios nem inconciliáveis. À escola e, particularmente, às aulas de Português cabe caminhar para a sua consecução apesar do seu carácter de dever ser contrário à natureza de acto livre que é a leitura. De facto, o favorecimento de leituras personalizadas, de experiências de leitura gratificantes não significa tagarelar sobre os textos ou treslar, pelo contrário, dando significado à experiência, potencia a continuação e a apetência, a partir do que se evoluirá para o leitor competente e se dará início ao amadurecimento de que se precisa para o afastamento das leituras agradáveis mas fáceis.

Deste modo, à medida que os textos vão passando por nós, o sentido da forma (aqui num sentido muito lato) especializa-se e o texto altamente previsível, aquele que se esgota na surpresa da peripécia, já não nos satisfará. A evolução e amadurecimento ocorrem aquando da percepção de estruturas linguísticas e compositivas cada vez mais complexas, do relacionamento de pistas textuais cada vez mais dispersas e inesperadas e, sobretudo, ao sentir satisfação com essas codificações cada vez menos relacionadas com as nossas expectativas e desejos. O nosso sentido do objecto estético aumenta, assim, à medida que temos satisfação com uma cada vez maior diversidade de obras e, sobretudo, com aquelas que pela sua complexidade, pelo inesperado, exigem cada vez mais de nós.

Em consequência, não será a leitura só por si, e tendo sobretudo em

conta o tempo que a ela se dedica (fora e dentro da escola), que o conseguirá. Eventualmente, ficar-nos-íamos no primeiro patamar "ler mais livros"; para alcançar o segundo, "ler mais livros melhor", só a mediação e a orientação por parte de um leitor competente permitirá o crescimento. Contudo, não se confunda esta mediação com pseudo-análises crítico-literárias nem com exercícios mecânicos quantas vezes possíveis de realizar sem ler. Por mediação e orientação entendemos o desafio ao leitor para que se questione a si e ao texto, o diálogo e explicação só possíveis por parte de quem conhece profundamente os textos, em suma, o exercício de observação e descoberta textual.

Esta mediação é tanto mais necessária quando sabemos que certas significações só são percebidas em segundas e às vezes terceiras leituras, algumas delas, até, afastadas no tempo. De facto, só os deuses têm capacidade de apreender a pluralidade, os homens não lêem assim e muito menos as crianças. Estas, quando lêem um texto, concentram-se, pela sua natureza inquiridora, nas ações nucleares, poderão até mesmo dar conta dos ritmos e de alguma sugestividade poética, mas o simbolismo das temáticas, os valores humanos representados, as desmontagens a que chamamos críticas, exigem re-leituras.

Por tudo isto, o livro que se lê no recreio pode encontrar na aula (se nela se esbaterem alguns dos factores constrangedores que a caracterizam) um momento de reflexão que impeça que aquele seja olhado como um objecto de consumo perecível, a pastilha elástica que acabado o açúcar se deita fora. Talvez por isso, há quem se pergunte se não valerá mais a pena ler o Tom Sawyer dez vezes a ler os seiscentos livros diferentes que parece se tem tempo para ler nos anos imaturos. Quase concordamos quando pensamos que poucos dos livros que agora são dados à estampa com o rótulo de infantil ou juvenil têm possibilidade de se tornar clássicos, isto é, e adaptando a definição de Jorge Luís Borges, naqueles livros que um conjunto de jovens lê com prévio fervor e misteriosa lealdade.

No entanto, o fervor e a lealdade com que se lê continuamente o mesmo livro, dependendo da escola, tem a ver, sobretudo, com a sua qualidade o que não se pode traduzir na capa de açúcar que rapidamente se esgota. Aquela conseguem-na os poetas e, por isso, talvez não seja por acaso que os livros da novíssima produção infanto-juvenil de que fala José António Gomes apareçam aos nossos olhos como potenciais clássicos.

A maior parte dos autores por ele comentados são poetas quer no seu sentido restrito quer alargado. Estamos perante universos temáticos como o da diferença, da essência do Humano, da desmistificação do poder e dos seus símbolos, de crenças e valores ideológicos, enfim, perante modos de ver o mundo, embora na sua forma mais pura que é da infância. São também histórias que falam de crescimento e confronto com a vida e a morte; da evolução dos tempos; de conflitos entre o novo e o velho; de conflitos psicológicos gerados no universo de preocupações afectivas e sexuais da adolescência. São livros de

poetas que recusam a banalização, também, e como nos dá conta o autor, pela codificação mais elaborada, sobretudo no que diz respeito a um trabalho ao nível dos códigos técnico-compositivos, estilísticos e fónico-rítmicos, trabalho que dá corpo, na maior parte dos casos, a discursos plenos de criatividade sintáctica, lexical e fónica que têm em mente e respeitam o jovem destinatário. Assim, é possível encontrar nestas histórias narradores "mais dominados pelo poder encantatório do seu próprio discurso do que pela diegese que têm em programa" (p.46). São livros que possuem uma "inesgotável sugestividade poética".

Não será preciso afirmar o quão semelhante é tudo isto a outras reflexões sobre outros livros e como sobre aqueles textos, a exemplo do que se faz sobre estes outros, é também possível trabalhar no sentido do desenvolvimento estético-literário conciliando dever e prazer.

Queremos, finalmente, enfatizar que, embora o desconhecimento de como lêem os nossos jovens, e isto em termos de estratégias utilizadas, de tempo dispendido, de preferências ou ódios, embora ainda, o perigo de estarmos a analisar textos com critérios estéticos desapropriados do género que não aproveitarão a ninguém e muito menos aos pequenos leitores, podemos ter algumas certezas, relativas é certo, e todas elas feitas de fé: serão investimentos seguros tanto a valorização e o interesse sincero na relação afectiva do jovem com o texto como a aposta, por parte dos adultos intermediários dos textos que chegam às mãos dos mais novos, na qualidade da linguagem da história.

Na mesma perspectiva, acreditamos ainda que os educadores devem dar o exemplo e ser leitores viciados destes e de outros livros. Um professor que não lê não pode formar bons leitores. Por fim, e porque, como diz D. H. Lawrence, mesmo o teórico da literatura julga uma obra de arte pelo seu efeito na sincera e vital emoção, o primeiro passo para formarem leitores para sempre é não cercear, entre outras coisas, as manifestações de emoção que um texto nos provoca.

São estas emoções esquecidas que os livros comentados por José António Gomes nos permitem reviver e, assim, vir a partilhar com aqueles para quem foram escritos.